



2016/03/23

"Military Sharing Economy"

Alexandre Reis Rodrigues

O conceito de "sharing economy"¹ foi desenvolvido para partilhar recursos e pessoas entre quem tem necessidade de um determinado produto ou serviço e quem tem possibilidade de o fornecer. O objetivo é encontrar uma solução que permite a todos ficar a ganhar. Embora não seja um conceito novo está hoje a despertar um enorme nível de interesse pelo alargamento do campo de aplicação que as novas tecnologias lhe estão a proporcionar. Sob esta última perspetiva é um conceito ainda nos seus primórdios.



Um dos mais falados empreendimentos que se iniciou com este conceito é o da UBER, mas neste momento existirão cerca de 17 novas companhias que valem mais de mil milhões de dólares cada. Dizem os peritos que este tipo de negócio vai continuar a crescer de "vento em popa". Poder-se-á falar em "sharing economy" no campo militar?

Eu diria que não mas há que reconhecer que os conceitos de "smart defense" (NATO) e "pooling and sharing" (União Europeia) incorporam muitos aspetos² da mesma ideia – por exemplo, "collective purchasing", "collaborative consumption", "shared ownership" – embora com objetivos diferentes. Enquanto no campo civil visa-se a realização de negócios, no campo militar, os dois conceitos atrás referidos pretendem sobretudo tornejar as dificuldades da contínua redução dos orçamentos de defesa, quando o ambiente de segurança requereria precisamente o contrário.

Elizabeth Braw, no entanto, não hesita em usar o termo "military sharing economy" num recente artigo publicado pela "Foreign Affairs".³ O objetivo foi divulgar um

¹ Definições de "shared economy": «The Sharing Economy is a socio-economic ecosystem built around the sharing of human and physical resources. It includes the shared creation, production, distribution, trade and consumption of goods and services by different people and organizations. » (Benita Matofska, in www.peopletoshare.com). «Sharing economy (also known as shareconomy or collaborative consumption) is a hybrid market model (in between owning and gift giving) which refers to peer-to-peer-based sharing of access to goods and services (coordinated through community-based online services). The concept is not new. The sharing of resources is for example well known in business-to-business (B2B) like machinery in agriculture and forestry as well as in business-to-consumer (B2C) like self-service laundries. » (Wikipedia)

² The Sharing Economy encompasses the following aspects: swapping, exchanging, collective purchasing, collaborative consumption, shared ownership, shared value, co-operatives, co-creation, recycling, upcycling, re-distribution, trading used goods, renting, borrowing, lending, subscription based models, peer-to-peer, collaborative economy, circular economy, pay-as-you-use economy, wkinomics, peer-to-peer lending, micro financing, micro-entrepreneurship, social media, the Mesh, social enterprise, futurology, crowdfunding, crowdsourcing, cradle-to-cradle, open source, open data, user generated content (UGC).

³ "The military sharing economy, Germany and the Netherlands combine forces", *Foreign Affairs*, Snapshot, 7 March 2016.

acordo de colaboração entre a Holanda e a Alemanha, assinado pelas ministras da Defesa dos dois países a 16 de fevereiro, acordo que formaliza a integração da 43^a Brigada Mecanizada do Exército holandês na 1^a Divisão de Tanques do Exército alemão.⁴ Espera-se que a nova unidade, na sequência de exercícios realizados no final de 2015 (a que se refere a fotografia que faz a imagem de abertura deste texto), fique operacional a partir de 2019.

O tema da cooperação militar para a constituição de forças combinadas não é novo. Na verdade, vem de muito antes de se ter começado a falar de “*smart defense*” e “*pooling and sharing*”. Um dos exemplos mais conhecidos é o da Brigada Anfíbia (UK/NL *Landing Brigade*) que existe desde 1973. Também é muito conhecido o acordo entre a Holanda e a Bélgica que levou à integração operacional da Marinha belga da estrutura da Marinha holandesa.

Entre vários outros exemplos possíveis, os Países Nórdicos⁵ têm sido os que mais se destacam pelos avanços que têm conseguido neste campo. Compreende-se facilmente porquê: cumprem quase todos os critérios que geralmente são apresentados como a chave do sucesso deste tipo de colaboração. Tomas Vasalek⁶ identificou o seguinte conjunto de condições de êxito: semelhança de cultura estratégica; confiança mútua e solidariedade; forças de semelhante dimensão e qualidade; clareza de intenções; seriedade do propósito; baixo nível de corrupção. Eu acrescentaria um outro fator que, com base em razões práticas, me parece igualmente relevante: proximidade geográfica ou, de preferência, vizinhança.

Não é difícil constatar a ausência de algumas destas condições no relacionamento entre a Alemanha e a Holanda. A falta de semelhança de dimensão, (população, forças armadas e orçamentos de defesa) - a que, geralmente, se atribui grande importância sob o receio de uma relação excessivamente assimétrica - nem precisa de ser discutida porque é factual.⁷ No campo das respetivas culturas estratégicas, ninguém tem dúvidas que há diferenças significativas. Basta lembrar, sem aprofundar o assunto, que enquanto a Alemanha é, essencialmente, uma potência continental, a Holanda, ao contrário, é primariamente “atlantista”. Mas podíamos acrescentar o facto de que a natureza humana dos respetivos povos ser profundamente diferente.⁸

Este novo projeto de cooperação parece-me particularmente notável, na medida em que desafia critérios a que se tem atribuído grande importância. Daí o relevo que lhe estou a dar. Outro caso, tanto ou mais extraordinário - dadas as diferenças culturais e de visões estratégicas - é o Tratado Franco-Britânico de 2010, assinado pelo Presidente Sarkozy e o Primeiro-ministro David Cameron, que inclui, por um período de dez anos, várias cláusulas com incidência operacional.⁹

Não se pode dizer que o sul da Europa tenha estado alheado da tendência de procura de fórmulas de cooperação militar operacional, malgrado a percepção de que existe pouca receptividade na região para enveredar por essa via.¹⁰ Na verdade, A Espanha,

⁴ O acordo, entretanto, foi alargado a outras áreas, nomeadamente no campo naval.

⁵ Há a mencionar, por exemplo, a “*Nordic Initiative for regional Defence Cooperation*” e a “*Nordic Baltic Defence Cooperation*”.

⁶ “*Surviving austerity: the case for a new approach to EU military cooperation*”, *Centre for European reform, April 2011*.

⁷ Enquanto a Alemanha tem em serviço ativo cerca de 180000 efectivos, a Holanda tem 60000. O orçamento de Defesa na Alemanha é de 34,4 mil milhões de euros; na Holanda é de 8 mil milhões.

⁸ Não diria que esta realidade afeta o relacionamento mútuo mas, obviamente, torna-o mais difícil. Neste campo, posso falar com base numa experiência pessoal de mais de três anos de convivência em ambiente multinacional e diretamente com as duas partes.

⁹ Envolvendo, por exemplo, a criação de “*Joint Expeditionary Force*” e, em 2020, um “*UK/Fr Integrated Carrier Strike Group*”

¹⁰ Extrato de um documento do Parlamento Europeu (“*The impact of the financial crisis on European Defence*”): «*Neither pooling, sharing nor extended cooperation at Europe level have to date have been on*

a França, a Grécia, a Itália, e Portugal, até foram percursores quando, em 1995, tomaram a iniciativa da criação da EUROFOR (entretanto extinta em 2012) e da EUROMARFOR (que se encontra ativa). No entanto, parece chegada a altura de verificar se este processo não precisará de ser reavivado e estendido, sob outros moldes, a outras áreas, quer numa base bilateral, quer no âmbito regional. Uma coisa é certa: a austeridade não vai acabar tão cedo e a necessidade de cooperação vai apenas continuar a aumentar.

the political agenda in Portugal», em “Forças Armadas, a continuação do processo de transformação”, Edição do Instituto Humanismo e Desenvolvimento.